



Universidade de Brasília
Faculdade de Educação – FE

**O BEBÊ E SUAS INTERAÇÕES AFETIVAS EM UM CONTEXTO
SOCIAL**

ANA LÍDIA ALVES RIBEIRO

ORIENTADORA: SILMARA CARINA DORNELAS MUNHOZ

BRASÍLIA/2021

Faculdade de Educação -FE



Universidade de Brasília

ANA LÍDIA ALVES RIBEIRO

**O BEBÊ E SUAS INTERAÇÕES AFETIVAS EM UM CONTEXTO
SOCIAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título Licenciado em Pedagogia pela Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob orientação da professora Dra. Silmara Carina Dornelas Munhoz.

BRASÍLIA/2021

TERMO DE APROVAÇÃO

ANA LÍDIA ALVES RIBEIRO

O BEBÊ E SUAS INTERAÇÕES AFETIVAS EM UM CONTEXTO SOCIAL

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em
Pedagogia. Apresentação ocorrida em __/____/2021.

Aprovada pela banca formada pelos professores:

SILMARA CARINA DORNELAS MUNHOZ (Presidente- FE/UnB)

MARIA FERNANDA CAVATON (Membro – FE/ UnB)

MÔNICA MARIA DE AZEVEDO (Membro – FE/ UnB)

BRASÍLIA/2021

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho aos meus pais, Zenildo Lisboa Ribeiro e Francisca Alves de Sousa, que sempre fizeram de tudo para que eu e meu irmão tivéssemos o melhor dos estudos.

AGRADECIMENTOS

Recordo com carinho dos meus dias na UnB, pois foram essenciais para a minha vida, não só acadêmica, mas pessoal também. Lembro quando comecei lá atrás, em 2015, e o medo que eu sentir por estar vivendo algo novo, eu estava na UnB, a melhor universidade de Brasília e do Centro Oeste e isso me assustava, por não acreditar que daria conta; mas eu consegui e hoje estou aqui, me formando e sinto orgulho daquela Ana Lídia que foi com medo mesmo lutar pelo que queria, mas isso não seria possível sem a ajuda de algumas pessoas muito importante nesse processo.

Agradeço primeiramente a Deus por toda a força que Ele me deu e me dá sempre, por nunca ter me deixado desistir mesmo eu querendo várias e várias vezes, Deus é e sempre foi minha força e fortaleza, e não tem como eu estar aqui hoje sem Ele. Agradeço também aos meus pais que sempre fizeram de tudo para que eu tivesse a melhor educação que eles podiam oferecer, e por sempre me incentivar a estudar e lutar pelo que eu acredito. Agradeço a todos os professores que ao longo da minha jornada me ensinaram e me instruíram, se estou aqui hoje foi graças a todos os professores que tive em minha vida, acadêmica e escolar.

Agradeço a meus amigos que a UnB me deu, Adállyda, Camila, Iara, Beatriz, Elen, Diego e Raí, graças a eles meus dias na Faculdade de Educação foram de muita alegria e aprendizado, obrigada por terem compartilhado comigo momentos maravilhosos, sentirei saudade. Agradeço também aos meus amigos de longa data, Anderson e Renata que sempre acreditaram em mim e na minha capacidade, eu amo vocês. Sou grata ao 1ºH da professora Beatriz que foi para mim, uma luz no fim do túnel nesse semestre tão difícil. Cada um dos alunos me inspirou a ser mais forte e me ajudou a concluir esse trabalho, sem eles eu teria desistido na primeira semana.

Agradeço ao meu amor, Matheus Monteiro Costa por me aguentar todos esses meses e por me incentivar a não desistir, e me mostrar que sou capaz de fazer qualquer coisa que eu quiser, obrigada meu amor pelo carinho, paciência e companheirismo. Obrigada a todos os meus amigos que me mandaram força para continuar e acreditaram em mim, mesmo quando eu não acreditei e deixei que a insegurança e medo me confundisse.

Um agradecimento especial a minha orientadora Silmara Carina Dornelas Munhoz que foi um anjo na minha vida, eu estava perdida e ela me achou me mostrou que era capaz de escrever sobre os bebês, e caminhou comigo nessa jornada me orientando e me incentivando, muito obrigada professora por tudo. Sou grata por ter feito a matéria Infância, Criança e Educação semestre passado que me fez conhecer minha orientadora e começar a escrever sobre bebês, obrigada por ter me acolhido nesse semestre tão atordoado e por todos os ensinamentos que a senhora me deu.

E agradeço a todos que de algum jeito me ajudaram por esse caminho, me incentivando a não desistir, por todas as matérias que fiz e que auxiliaram tanto para a minha formação, meus estágios, tanto os obrigatórios quanto os não obrigatórios, por todas as coisas que a UnB abriu espaço para conhecer, com toda certeza sairei uma pessoa melhor dessa universidade. Por isso meu muito obrigada Universidade de Brasília!

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo compreender as interações afetivas dos bebês em um contexto social. Está fundamentado no aporte teórico das teorias psicogenética de Henri Wallon e da psicologia histórico-cultural de Lev Vigotski, uma vez que ambas dialogam ao conceberem que o sujeito é socialmente constituído. O trabalho foi realizado no período de pandemia da Covid 19, o que impossibilitou o contato presencial com os bebês. Então, a análise realizada foi a partir de situações observadas por Jacira Carla Bosquetti Muniz, que ficou por 8 meses em uma creche em Santa Catarina, e as apresentou em sua dissertação de mestrado no ano de 2017. Respeitando a autora que nos apresenta suas observações com os bebês, procurou-se fazer o próprio exercício de compreender mais sobre esse ser. Foi possível observar, a partir das análises, como a interação social traz marcas em nossa constituição, passando pela afetividade, e a importância dela para o nosso pleno desenvolvimento na sociedade.

Palavras-Chave: Interações sociais – Afetividade – Consciência de si - Bebês

ABSTRACT

The present work aims to discuss the process of awakening the baby's consciousness that occurs through social interactions and affectivity. It is based on the theoretical contribution of Henri Wallon's psychogenetic theories and the historical-cultural psychology Lev Vigotski, since both dialogue when conceiving that the subject is socially constituted. The study was carried out during the pandemic period of Covid 19, which made it impossible to face-to-face contact with the babies. So, the analysis was based on situations observed by Jacira Carla Bosquetti Muniz, who stayed for 8 months in a day care center in Santa Catarina and presented them in her master's thesis in 2017. Respecting the author who presents her observations with the babies, we tried to do the exercise of understanding more about this being. It was possible to observe, from the analyses, how social interaction brings marks in our constitution, passing through affectivity, and the importance of it for our full development in society.

Keywords: Social interactions – Affectivity - Initial process of consciousness - Babies

SUMÁRIO

RESUMO	7
ABSTRACT	8
1. PARA COMEÇAR	10
2. QUEM SÃO OS BEBÊS?	12
2.1. O que pensam sobre os bebês?	14
3.COMO SE DEU ESSE TRABALHO	23
4. AO ENCONTRO DESSES PEQUENOS	25
5. FINALIZANDO... POR ENQUANTO	38
REFERÊNCIAS	41

1. PARA COMEÇAR

Temos observado a passos lentos, pesquisas, artigos e livros finalmente direcionados especificamente aos bebês, pois, parece haver uma resistência ao falar sobre esses seres complexos e únicos. Recordo-me de uma vez quando estava navegando pela internet e me deu vontade de saber sobre a anatomia da cabeça, foi incrível e ao mesmo tempo cansativo, tinha ossos, nesses ossos linhas e nas linhas mais linhas e lembro que fiquei horas e horas nisso, fascinada pelo tanto de coisa que tem na nossa cabeça e que, ao juntá-las transforma-se em nosso crânio.

Quando comecei a pesquisar sobre bebês foi a mesma coisa, tudo emaranhado em uma rede de informações que se conectam e que fazem sentido, foi como ter descoberto a anatomia do ser bebê, não biologicamente, mas pedagogicamente por assim dizer.

Pouco ouvi em minha graduação sobre os bebês, e esse assunto foi algo que sempre me intrigou, pois, por que não falamos mais sobre eles? Por que é um assunto pouco abordado em nossa graduação? E mais, por que a aversão de tantas (os) futuras (os) pedagogas (os) a estágios em creches? Cansei de ouvir minhas colegas de curso falando de suas entrevistas de estágio chegando decepcionadas para contar que a vaga era para berçário e, por isso, iriam recusar. Quando questionadas sobre o motivo, as respostas eram sempre as mesmas: *“não quero passar o dia todo limpando bunda de neném, eu preciso de um estágio que me dê experiência para dar aula, não vou aprender nada em creches.”*

Aquilo me incomodava bastante, não só pelo fato delas não quererem realizar estágio em creche, mas por perceber que não havia nenhum estímulo por parte do nosso currículo em querer nos fazer conhecer mais sobre os bebês e sobre a ação pedagógica com eles. Para ter uma ideia, eu ouvi falar diretamente sobre bebês apenas na aula de Educação Infantil, que nem é uma disciplina obrigatória, enquanto temos diversas matérias sobre crianças e suas especificidades, ensino de geografia, matemática, história, língua materna, tudo direcionado a crianças maiores, mas apenas uma ou duas direcionadas aos pequeninos.

Isso me fez refletir, pois, se a minha graduação não me estimula a saber mais sobre os bebês, por que eu deveria ter essa vontade? Então, decidi falar sobre bebês, falar sobre algo que todos fomos um dia, sobre o aluno mais aplicado e que aprende mais rápido do universo, por eles e por mim, decidi estudar e escrever.

Em meu escrito tomei como objetivo principal compreender as interações afetivas dos bebês em um contexto social.

Utilizarei como arcabouço teórico as teorias de Henri Wallon como autor principal deste trabalho, além Lev de Vigotski, que fizeram parte da minha trajetória como estudante durante todo o período da minha graduação. Em um trabalho de conclusão de curso busco dialogar com a minha formação ao longo desses anos.

A realização deste trabalho se deu em plena pandemia da Covid-19, realidade na qual o protocolo era o de distanciamento social e uso de máscaras, impossibilitando a observação da socialização entre os bebês, assim como socializar com eles de forma presencial. Então decidi, a partir de estudos e da produção acerca do tema, escolher situações vivenciadas entre bebês em uma creche, as quais se encontram publicadas na dissertação de mestrado de Jacira Carla Bosquetti Muniz (2017) que foi submetida ao Programa de Pós-Graduação e Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. As informações foram retiradas do texto “*Olha só, ele me enganou! Estava com sono até agora... O que nos dizem os bebês? Aproximação às práticas de cuidado a partir da etnografia na educação infantil*”.

No segundo capítulo abordo sobre quem são esses bebês, com um breve histórico da visão que se tinha sobre eles ao longo da história, bem como a teoria de Henri Wallon e as contribuições de Lev Vigotski. Escolhi esses dois autores por acreditar que suas teorias conversam muito bem entre si e podem me auxiliar no tema que abordo.

No terceiro capítulo falo sobre meus objetivos neste trabalho, apresentando um objetivo geral e dois específicos. No quarto capítulo descrevo como se deu a realização do trabalho, falo sobre a pesquisadora que trouxe as observações e interações com/entre os bebês, além de informações sobre a creche e os espaços vivenciados pelas crianças, todos retirados da dissertação de Muniz (2017). No quinto capítulo entram minhas análises, em pego 6 situações vivenciadas pela autora que acredito que de alguma forma possam contribuir para minhas proposições acerca do tema escolhido. A autora descreve essas situações e depois faz uma análise sobre eles, eu pretendo pegar somente as descrições das situações vivenciadas, e fazer minha própria análise. No último capítulo dou uma breve recapitulação do tema escrito bem como minhas considerações finais acerca do trabalho e metas para o futuro.

2. QUEM SÃO OS BEBÊS?

O bebê é um ser complexo, e “ativo dotado de competências interativas desde o nascimento” (CAMERA, 2006, p.33), que chega ao mundo sem ainda dar-se conta que está nele, pelo menos não o mundo além dele, como explica Vigotski (2010):

A criança que ainda não nasceu dispõe do útero da mãe como meio, já a criança que acaba de vir ao mundo também dispõe de um espaço muito pequeno na qualidade de seu meio mais próximo. Como se sabe, o mundo distante não existe para o recém-nascido. Para tal criança existe apenas o mundo que se refere precisamente a ela, ou seja, um mundo que se une em torno de um espaço estreito, formado por aparecimentos e objetivos ligados ao seu corpo. (VIGOTSKI, 2010, p.683)

Seu sorriso é uma forma de comunicação, bem como, o choro, o balbuciar, o olhar, tudo isso são modos que o bebê encontrou para se comunicar e interagir com o outro, o que demonstra sua participação ativa no processo de socialização. Após pesquisas e estudos, comecei a pensar na relação do bebê com o mundo notando uma semelhança com o mito da caverna de Platão¹. Quando está no útero de sua mãe e vivencia aquela realidade, naquele local, capaz de ouvir alguns sons, chutando a barriga da mãe, sendo alimentado a todo instante, recebendo todos os nutrientes necessários ao seu desenvolvimento, sem ainda saber que irá viver outra realidade quando sair daquele lugar, ele crê na realidade vivenciada naquele momento.

Quando nasce, se depara com um mundo novo, fisiologicamente ainda não enxerga direito, mas já tem preferência pela voz feminina, sempre que sente fome a mãe/outro está ali para o alimentar, e acredita que o mundo é aquilo, sua mãe/outro é apenas uma extensão dele e o mundo é ele e objetos apresentados, sendo totalmente voltado para si nesse primeiro momento. (LOPES et al, 2010). Com as interações sociais essas barreiras vão sendo quebradas,

¹ O mito de Platão: No livro A República, de Platão ocorre o seguinte diálogo entre Sócrates e Glauco: “SÓCRATES — Agora imagina a maneira como segue o estado da nossa natureza relativamente à instrução e à ignorância. Imagina homens numa morada subterrânea, em forma de caverna, com uma entrada aberta à luz; esses homens estão aí desde a infância, de pernas e pescoço acorrentadas, de modo que não podem mexer-se nem ver senão o que está diante deles, poisas correntes os impedem de voltar a cabeça; a luz chega-lhes de uma fogueira acesa numa colina que se ergue por detrás deles; entre o fogo e os prisioneiros passa uma estrada ascendente. Imagina que ao longo dessa estrada está construída um pequeno muro, semelhante às divisórias que os apresentadores de títeres armam diante de si e por cima das quais exibem as suas maravilhas. Glauco — Estou vendo. Sócrates — Imagina agora, ao longo desse pequeno muro, homens que transportam objetos de toda espécie, que o transportam: estatuetas de homens e animais, de pedra, madeira e toda espécie de matéria; naturalmente, entre esses transportadores, uns falam e outros seguem em silêncio.” (Platão, A República, Livro VII)

provocando, digamos que a sua “saída da caverna”, e essa saída o insere em um mundo cultural mais amplo (PINO, 2005), podemos inferir a uma passagem do homem biológico ao cultural.

Parece razoável admitir - embora nos falte o testemunho da figura principal que é o bebê humano - que o nascimento biológico constitui para este o ingresso num mundo totalmente estranho. Estranho não? só porque o mundo é sempre estranho para quem acaba de entrar nele, seja animal ou humano, mas também porque a sensibilidade e a percepção biológicas, suficientes para a rápida adaptação das crias de animais próximos do homem ao seu meio, são por si só insuficientes para a adaptação do bebê humano ao meio cultural, seu novo meio. Isso nos permite falar em termos de dois nascimentos: um *natural*, outro *cultural*. (PINO, 2005, p.55)

A partir dessas novas relações, o bebê humano entende que as pessoas vão e voltam, que existem para além do aqui e agora, ou seja, vão adquirindo a capacidade de trabalhar com representações mentais – signos, como podemos observar no trecho a seguir:

Para ele, quando a mãe deseja retornar a sua vida individual, leva seu filho a alucinar sua presença. Então, “preocupado” o bebê percebe que a descontinuação da mãe permite-lhe sobreviver, surgindo neste processo o sentimento do contínuo existir, que não é outro senão seu si-mesmo (self) (CAMERA, 2006, p.30)

Na relação de contínuo existir, os bebês passam a conquistar maior autonomia, conseguem andar, falar, brincar, interagir com outras pessoas e, nessa interação, começam a tomar consciência de si e do mundo. É através da interação que adquirimos nossas habilidades intelectuais e físicas, na relação com o outro, que pode ou não estar presente, é que nos constituímos no mundo.

Para entender melhor como os bebês agem e se constituem nesse mundo, precisamos primeiro conhecê-lo, compreendendo que

[...] o lugar que a criança ocupa nas relações sociais de que participa tem força motivadora em seu desenvolvimento, e esse lugar é condicionado pela concepção de criança e de infância dos adultos, e a concepção de infância como sujeito, e não como objeto do desenvolvimento, é elemento-chave (MELLO, 2007, p.91)

ou seja, a compreensão do ser bebê é influenciada a partir da visão da cultura que estou inserida e não é algo imutável, como poderemos observar no breve histórico que faço no início da próxima seção. A relação bebê-adulto está condicionada à cultura em que ambos estão inseridos, ela é determinante para a condição humana (PINO, 2005).

2.1. O que pensam sobre os bebês?

Não há como falar do bebê em nossa atual sociedade, sem recordarmos o passado, sendo necessário voltar a ele para entender o nosso presente, pois é um lugar de referência. Antigamente, por volta do século XVII, em grande parte do mundo ocidental, não havia nenhuma política pública ou lei que protegesse os bebês, o saneamento e a medicina não eram tão avançados como hoje, e não existia escolas ou creches para cuidar e auxiliar na educação destes pequenos. Eles viviam em situações precárias e a maioria não sobrevivia por muito tempo, levando a altas taxas de mortalidade infantil nessa época.

As famílias, sabendo dessa realidade, não se apegavam aos recém-nascidos, pois não tinham expectativa de que viveriam e quando eles sobreviviam eram inseridos na sociedade como adultos mirins, assumindo papéis sociais sob o auxílio dos adultos. (CASTELLI; MOTA, 2013) Com o passar do tempo nasceu uma preocupação com as crianças maiores, pois elas se tornariam “[...] adultos condizentes com a sociedade que se desejava” (CASTELLI; MOTA, 2013, p.4), destacando a educação como uma ótima forma de dominá-las, educá-las e de certo modo controlá-las. Já os bebês, por não existirem ainda, naquela época estudos relacionados às suas habilidades motoras ou às suas formas de se socializar com o outro, eram totalmente esquecidos, entregues às amas-de-leite, que por conta da alta demanda, nem sempre tinham condições de dispender todos os cuidados necessários com os pequeninos e muitos morriam.

Sob a influência da saúde e a preocupação com a vida dos recém-nascidos, os bebês começaram a ganhar mais atenção da sociedade, que se voltava principalmente para os cuidados básicos de higiene, o que contribuiu para a sua sobrevivência. No Brasil, a preocupação com as crianças pequenas veio sob a influência da Europa, e era voltada principalmente para a parte de assistência e cuidados (DANTAS, 2018). Com as crescentes transformações na sociedade, os estudos sobre as crianças foram crescendo, dando espaço à Pediatria, Psicologia e Educação, surgindo novas metas para o desenvolvimento saudável do bebê, "que passou a ser visto como uma evolução prevista, melhor atingida por processos educacionais e pelo esforço das mães, tidas como as responsáveis pelo cuidado de seus filhos” (CASTELLI; MOTA, 2013, p. 5), mostrando a importância da educação e do cuidar do bebê, passando a aceitar que ele iria sobreviver e crescer, e por isso mereciam atenção e cuidado, destinando às mães a responsabilidade desse processo. Nessa época, por volta do século XVIII, apesar da preocupação com os bebês e crianças maiores, ainda não havia o reconhecimento deles como

sujeitos de direitos, ativos no seu processo de desenvolvimento e construção de sua consciência e autonomia, vendo-os apenas como um livro em branco em que outras pessoas escreveriam suas histórias.

Hoje, depois do conhecimento das contribuições importantes dos estudos de teóricos como Wallon e Vigotski, entendemos a participação ativa dos bebês e crianças pequenas/maiores no processo de ensino-aprendizado, além da interação entre os pares e a socialização desses pequenos com o outro e o mundo de forma atuante, sendo autor de sua própria história. A educação que antes era usada para dominar e transformar as crianças em adultos que poderiam beneficiar o interesse do povo, passou a dar autonomia aos bebês e crianças maiores para serem o quisessem, e a educação se tornou aliada disso, oferecendo à criança todas as ferramentas necessárias para que ela pudesse escolher o que queria ser e como gostaria de viver e pensar nesse mundo.

Aqui no Brasil foram criadas diversas leis para garantir não só o acesso à saúde, mas também à educação de qualidade para o pleno desenvolvimento da criança, como podemos observar na Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988), além de as definirem nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, Resolução nº5/2009, como

[...] sujeito histórico e de direitos, que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (BRASIL, 2010, p.12)

Ainda há documentos como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que definem a educação infantil como a base do processo de ensino-aprendizado, afirmando que essa educação está diretamente ligada ao educar e cuidar (BRASIL, 2017), de forma conjunta e indissociável. Assim, o bebê que antes morria por negligência e falta de cuidados básicos, hoje tem todo o amparo tanto nas leis quanto nos estudos dos teóricos para crescer e se desenvolver no mundo, de forma segura e cuidadosa, como sujeitos históricos e sociais, autores de sua história.

Neste momento, apresento um pouco das especificidades que caracterizam o ser bebê em nossa cultura e o seu desenvolvimento. Busco dialogar com alguns teóricos que estudei durante minha graduação e que considero importantes para a minha formação como pedagoga, além de serem a base do meu trabalho e dos meus estudos sobre a socialização como precursora do despertar da consciência no bebê.

Ao pensarmos em desenvolvimento humano, aqui em especial dos bebês, a teoria de Henri Wallon ² em sua perspectiva psicogenética, nos apresenta valiosa contribuição, pois “assume que o desenvolvimento da pessoa se faz a partir da interação do potencial genético, típico da espécie, e uma grande variedade de fatores ambientais. O foco da teoria é essa interação da criança com o meio, uma relação complementar entre os fatores orgânicos e socioculturais.” (MAHONEY; ALMEIDA, 2005, p, 16).

Vigotski³, em sua psicologia histórico-cultural também destaca que o desenvolvimento humano acontece por meio das interações sociais, semioticamente mediadas, as quais possibilitam que sejam criadas conexões com as pessoas e o mundo a nossa volta. Para o autor “o bebê é considerado desde o seu nascimento como parte social de um todo, mas sempre como sujeito singular que se engendra meio às relações sociais.” (FICHTNER, 2013, p.10). Para ele, o homem tem como direção a natureza e a cultura, sendo essa muito importante em sua teoria, considerando o homem como um ser social, cultural e histórico.

Wallon demonstra em sua teoria a importância do social como algo natural do ser humano, que já nasce com ele e, portanto, a espécie humana seria capaz de criar laços com o outro através da interação social, mesmo sem ter aprendido ainda a falar em sua língua materna. Para o autor, “sem o social não se faz homem” (ALMEIDA, 2014, p. 596), ou seja, “o simples amadurecimento do sistema nervoso não garante o desenvolvimento de habilidades intelectuais mais complexas. Para que se desenvolvam, precisam interagir com o “alimento cultural”, isto é, linguagem e conhecimento.” (GALVÃO, 1995, p.41), apontando assim a importância que a interação social tem no processo de desenvolvimento pleno das camadas mais complexas do ser humano.

Pino (2005) ao discutir sobre o natural e o cultural na teoria de Vigotski, também destaca que quando o bebê consegue se comunicar com o outro, é capaz de criar vínculos, se tornar um ser cultural, algo que não é visto em outras espécies de mamíferos, ocorrendo no caso deles mudanças apenas no plano biológico “[...] no qual a evolução permanece relativamente

² Psicólogo, filósofo, político e médico francês, que nasceu em 1879 em Paris, e morreu em 1962 no mesmo local de nascimento.

³ Teórico russo que nasceu no ano de 1896 em Orsha, Bielorrússia, e faleceu em 1934 em Moscou. Foi um psicólogo, que sob a influência de autores como Jean Piaget e Karl Marx, fez a proposta da psicologia histórico-cultural, e foi pioneiro na teoria de que desenvolvimento infantil está relacionado as interações sociais.

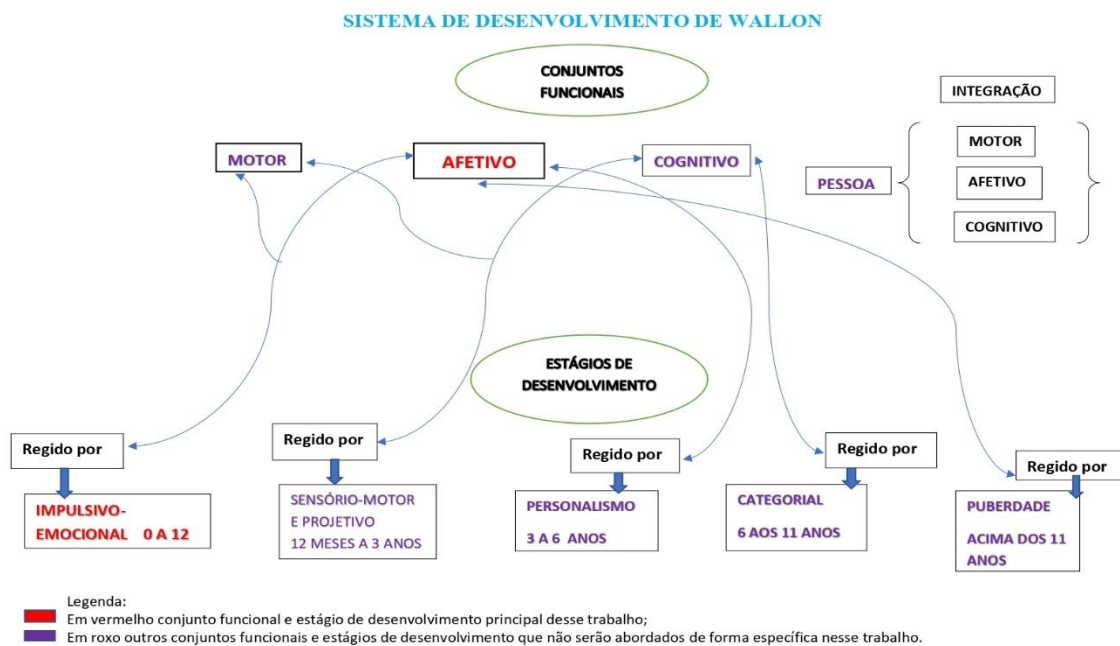
estacionária, no caso dos seres humanos, extrapolam o plano biológico e ocorrem no plano cultural, onde a evolução parece não ter limites.” (p.46)

As interações sociais com o outro acontecem em contextos concretos, assim o meio age de maneira essencial para que elas ocorram, pois “o desenvolvimento humano está ligado ao desenvolvimento do grupo social e, conseqüentemente, à cultura a qual a criança pertence.” (ALVES, 2013, p.32), mostrando a influência que a cultura irá exercer na vida do infante, e como ele irá interagir com o outro.

Wallon destaca que o bebê necessita do outro, não só fisicamente, para alimentá-lo, banhar e trocar a fralda, mas também para sua sobrevivência cultural, para que ele consiga viver e fazer parte do grupo no qual está inserido. (ALMEIDA, 2014) O autor propõe, em sua teoria, um sistema de estágios de desenvolvimento, com quatro conjuntos funcionais: motor, afetivo, cognitivo e pessoa, que são responsáveis por formar os processos de evolução mental do ser humano. Cada um desses conjuntos, trabalha de forma integrada, ou seja, a estimulação de uma dessas fases reflete nas demais, com predominância na função orgânica ou social, sendo “o orgânico entendido como campo das possibilidades dadas pelas condições neurológicas, e o social, como campo de condições para concretizar ou não as possibilidades, conforme as solicitações e recursos do meio.” (ALMEIDA, 2014, p.597)

A alternância desses conjuntos funcionais implica em cinco estágios de desenvolvimento humano e que compõem a teoria walloniana: a) impulsivo-emocional, b) sensório-motor e projetivo, c) personalismo, d) categorial e e) puberdade), considerando “ [...] a criança no conjunto total de suas atividades e de seus comportamentos, bem como no conjunto das suas condições de existência [...]” (ALMEIDA, 2014, p. 597), permitindo a ele analisar a continuidade desses comportamentos de desenvolvimento, formando assim sua teoria psicogenética.

Os estágios do desenvolvimento são regidos pelos conjuntos funcionais, e isso não ocorre de forma linear, mas variando, com as idades servindo apenas para demarcar as faixas etárias do que normalmente ocorreria naquela determinada fase. É importante deixar claro que o estágio anterior é muito significativo para o próximo, todos estão interligados para que o desenvolvimento possa ser completo, e ocorrerão graças a interações sociais do bebê com o outro. Para um melhor entendimento do sistema de desenvolvimento da teoria de Wallon, esbocei o esquema abaixo:



Esquema Wallon⁴

Observando o esquema acima pode – se notar que os conjuntos funcionais nada mais são do que uma explicação didática do conjunto pessoa (MANONEY, ALMEIDA, 2005). O conjunto motor está ligado a parte motora do ser humano, é o que nos faz andar, correr, mexer o corpo, ajuda a nos deslocarmos por vários lugares, reagir a diferentes situações através de expressões e mímicas, é todo nosso movimento. (ALMEIDA, 2014) O conjunto afetivo está ligado às nossas emoções, paixões, sentimentos e são através delas que conseguimos nos comunicar e socializar com o outro e com o mundo, que nos faz pensar e refletir sobre as situações, nosso controle, nossos impulsos (MAHONEY; ALMEIDA, 2005). Nossa primeira ligação com o outro e com o mundo é de natureza afetiva. O conjunto cognitivo nos permite adquirir, verificar, significar e ressignificar o conhecimento, dando a base para que possamos aprender e conhecer o mundo, além de nos possibilitar “rever e reelaborar o passado, fixar e analisar o presente e projetar o futuro”. (ALMEIDA, 2014, p.597) Já o conjunto pessoa garante a integração dos três conjuntos funcionais, motor, cognitivo e afetivo, é o ser humano em si. (ALMEIDA, 2014)

⁴ Esquema da teoria da psicogenética walloniana, com conjuntos funcionais, estágios de desenvolvimento e qual conjunto é regido por qual estágio. Esquema autoral!

Já os estágios são cinco no total e todos eles são importantes para o desenvolvimento do ser humano. O estágio do impulso-emocional que vai do zero a 12 meses, regido pelos conjuntos afetivo e motor, tem predominância afetiva, e vai orientar as reações iniciais do bebê com as pessoas, de acordo com Galvão (1995). Ainda segundo a autora, isso ocorre pois há uma abundância nas demonstrações afetivas da criança, e acontece, porque existe uma inexperiência para agir no mundo real, por ter chegado a ele há pouco tempo, ele não tem vivência no mundo mais amplo, e suas reações no primeiro momento são afetivas, mas sem intencionalidade, de base motora.

Nesse estágio o bebê ainda não é capaz de fazer algo por si mesmo e, por isso, é conduzido pelo outro, e através do outro, da interação com ele é que vai ter suas primeiras atitudes intencionais. O outro auxilia nesse processo ao verificar que determinados gestos não são úteis aos bebês, não provoca neles reação, com isso, atuam de modo que suas ações sejam úteis e satisfaçam o bebê. Quando o bebê começa a notar isso, ele vai agir de forma intencional para que suas vontades sejam atendidas, deixando de ser apenas um ato motor para dar lugar a diferenciação das emoções. Há uma fusão do bebê com o outro nesse estágio, e por isso a ligação do Eu-Outro é tão importante, pois sem ela não há interação e sem interação não há desenvolvimento. (ALMEIDA, 2014)

Destaco nesse estágio que o bebê vai criando vínculos e relações com o outro, por meio do olhar, do contato físico que serão demonstrados através de expressões faciais ou corporais, isso porque Galvão (1995, p.43) afirma:

[...] o colorido peculiar é dado pela emoção, instrumento privilegiado de interação da criança com o meio. Resposta ao seu estado de imperícia, a predominância da afetividade orienta as primeiras reações do bebê às pessoas, as quais intermediam sua relação com o mundo físico; a exuberância de suas manifestações afetivas é diretamente proporcional a sua inaptidão para agir diretamente sobre a realidade exterior (GALVÃO, 1995, p.43)

Ao interagir com o outro, o bebê vai adquirindo significações dentro de si, passando de uma afetividade impulsiva, para uma afetividade com intencionalidade, e isso só será possível por meio do outro. Também é possível verificar nessa fase a construção inacabada do eu psíquico, no qual a criança ainda acredita que está fundida aos objetos, processo que só será resolvido por completo na fase personalista (GALVÃO, 1995), mas que é muito importante nesse estágio da afetividade para que o bebê tenha consciência de si, do mundo e dos seus sentimentos, sendo possível através de interações sociais.

O estágio sensório-motor e projetivo que vai dos 12 meses a três anos, regido pelo conjunto funcional cognitivo e motor, se destaca pelo alcance da marcha e apreensão dos objetos (GALVÃO, 1995). Nesse estágio a criança explora o mundo físico de forma sensório-motora, além de desenvolver a função simbólica e da linguagem. Esta fase deve-se “à característica do funcionamento mental neste período: ainda nascente, o pensamento precisa do auxílio dos gestos para se exteriorizar, o ato mental "projeta-se" em atos motores.” (GALVÃO, 1995, p.44)

O estágio do personalismo que vai dos três aos seis anos, regido pelo conjunto funcional afetivo, está ligado a formação da personalidade da criança, pois reorienta o interesse da criança em relação ao outro (GALVÃO, 2015). O estágio categorial que vai dos seis aos 11 anos, regido pelo conjunto funcional cognitivo, ocorre graças a distinção mais clara do Eu com o outro, abrindo caminho para que a criança possa conhecer e explorar mais o mundo físico, através de seus progressos intelectuais (GALVÃO, 1995), “mediante atividades cognitivas de agrupamento, classificação, categorização, em vários níveis de abstração até chegar ao pensamento categorial.” (MAHONEY, ALMEIDA, 2005, p. 23) Essa categorização do pensamento também auxilia na melhor compreensão sobre si mesmo.

O último estágio é a puberdade que acontece a partir dos 11 anos, regido pelo conjunto funcional afetivo, e nele há uma quebra na tranquilidade que havia sido estabelecida pela fase anterior, dando lugar ao conhecer de si mesmo, só que dessa vez de forma mais autônoma que no personalismo. Existem confrontos e oposições do Eu com o outro, dos valores que o outro tem, além desse processo trazer questões “pessoais, morais e existenciais, numa retomada da predominância da afetividade”. (GALVÃO, 1995, p.45) Obviamente esses estágios não ocorrem da mesma maneira com todos os seres humanos, mas ocorrem por meio das interações com o outro e com o seu meio, percebendo assim a complexidade do nascimento e desenvolvimento do bebê.

O nascimento de um bebê é sempre marcado por significações, seja esse nascimento de um canguru, leão ou ser humano. Os mamíferos carregam em si uma relação bastante significativa quanto ao nascimento, além de serem seres sociais e que necessitam do outro desde o nascimento (PINO, 2005). Mas o que diferencia os seres humanos dos animais? O que diferencia o bebê humano do bebê do mundo animal?

O bebê humano nasce com certa desvantagem em relação aos outros mamíferos do mundo animal. Sua fragilidade, dependência do outro para sobreviver, os longos meses e até

anos para que consiga correr, falar, subir e descer escadas, manusear objetos etc., tudo leva bastante tempo, e demanda dos adultos a tarefa longa de mediar esse processo. Mas mesmo com esse “atraso” em relação aos mamíferos animais, o bebê humano tem uma vantagem que somente o *homo sapiens* possui, que seria ““suas funções superiores”, de natureza cultural, particularmente a fala.” (PINO, 2005, p.44). Além disso, os bebês humanos vão além dos instintos, que não são operados da mesma maneira nos bebês animais, pois “desde os primeiros instantes da sua existência, diferentes mecanismos culturais entram em ação que conferem às ações do bebê humano um caráter cada vez menos automático ou instintivo e cada vez mais imitativo e deliberativo”. (PINO, 2005, p.45)

Vigotski acreditava na ideia de dois nascimentos, um biológico que seria tudo aquilo que nasce com a criança, que é inato a ela, e outro cultural, que seria tudo que a criança adquire através da interação com o outro, pois somente o nascimento biológico “não dá conta da emergência dessas funções definidoras do humano”. (PINO, 2005, p.46) Diferentemente dos animais, que evoluem até certo ponto, não passando do plano biológico, o ser humano é capaz de superar esse plano e evoluir para a cultura, aprendendo mais e mais. Para ele a chave do desenvolvimento da criança estaria na cultura, no nascimento cultural.

Desde o nascimento o bebê passa por diversas transformações, que ocorrem tanto no plano biológico, quanto no plano cultural. Quando a criança nasce ela dispõe das funções sensório-motoras, que a ajudarão a se comunicar com o ser humano, e criar laços com esse novo mundo em que está inserida. A partir dessas interações sociais a criança vai se constituindo, como um ser cultural, ocorrendo o que podemos chamar de seu segundo nascimento, o cultural, que seria “o processo pelo qual o grupo social trata de introduzir no circuito comunicativo, sensório-motor, da criança, a significação do circuito comunicativo semiótico do adulto.” (PINO, 2005, p.65) Desse modo, a criança estabelece ligações com o mundo cultural ao ser introduzida nele, através do outro, das significações que o outro dá às ações das crianças, que vai “incorporando a cultura que a constitui como um ser cultural”. (PINO, 2005, p.66), ou seja, não se faz o eu sem o outro.

Por ser um ser social, o ser humano depende desde o seu nascimento dessa interação com o outro, para se constituir, criar relações, aprender a falar, comer, ser introduzida a cultura de seu meio, enfim, a interação social é tão importante quanto o ar que respiramos para sobreviver. A interação se faz importante em todos os aspectos de nossas vidas, pois para

Vigotski (1997) algo só vai fazer sentido para a criança, se primeiro fizer sentido para o adulto, e em relação a isso ele nos dá o exemplo do “movimento de apontar”, que surge “quando os primeiros atos espontâneos da criança adquirem significação para o outro, só depois é que eles se tornam significativos para ela.” (ALVES, 2013, p.41), demonstrando a passagem do plano biológico para o plano cultural.

A questão é que o movimento de apontar surge apenas após os 6 primeiros meses do bebê, o que, seguindo essa lógica, demonstraria a falta da cultura na criança até essa idade. Entretanto para Vigotski (2008), mesmo antes desse movimento o bebê faz uso de outros mecanismos para apreender a cultura (ALVES, 2013), e

anuncia que, mesmo sendo raízes pré-intelectuais da fala – o balbucio e o choro – considerados comportamentos predominantemente emocionais, não devem se limitar a essa interpretação de descarga emocional, pois evidenciam uma forma de comunicação que reage a voz humana. (ALVES, 2013, p. 42)

o que comprova a predisposição do bebê humano para a interação social. Essas interações vividas são semioticamente mediadas, ou seja, entre o outro e o bebê há a presença do signo, que irá atribuir sentido aos elementos presentes na relação.

A teoria vigotskiana consiste na valorização da cultura e na relação entre os pares, a interação social. Essa teoria também se conecta à teoria walloniana, que prioriza as interações sociais no desenvolvimento humano. Com tudo isso, pode-se afirmar que

antes mesmo de desvelar as especificidades desse aprender na pequena infância e na infância pré-escolar, é possível perceber que a criança é, desde pequenininha, capaz de estabelecer relações com o mundo que a cerca. (MELLO, 2007, p.89)

confirmando o que já sabemos, que a criança é autor e coautor de sua história, é ativa desde pequena no processo de socialização, e é capaz de construir saberes na interação social com o outro, aprendendo e ensinando, sendo ora autor, ora objeto (CAMERA, 2006), modificando e sendo modificado pelo ambiente que está inserida.

3.COMO SE DEU ESSE TRABALHO

Infelizmente a realização do meu trabalho de conclusão de curso se deu em um momento muito delicado e atípico no mundo. Estamos há um ano enfrentando a pandemia do novo coronavírus, e apesar dos esforços da ciência em conseguir uma vacina eficaz, não estamos ainda num momento seguro para pesquisas presenciais. Em função disso, o meu trabalho foi construído a partir do arcabouço teórico já apresentado acima, e as análises foram realizadas a partir dos dados do trabalho de dissertação de mestrado de Jacira Carla Bosquetti Muniz (2017). Embora as situações não tenham sido diretamente observadas por mim, acredito ser possível fazer um exercício de análise a partir do que a autora observou.

Os episódios analisados são do texto “*Olha só, ele me enganou! Estava com sono até agora...*” O que nos dizem os bebês? Aproximação às práticas de cuidado a partir da etnografia na educação infantil”, que foi submetido ao Programa de Pós-Graduação e Educação da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção de grau Mestre em Educação, no ano de 2017 em Florianópolis -SC.

A metodologia utilizada pela autora nesse trabalho foi a etnografia, que segundo ela,

“Ancorada por uma metodologia que se configura no tempo prolongado, na observação sensível, na aproximação aos sujeitos, busco pela etnografia conhecer e reconhecer os bebês nesse contexto no qual estão temporariamente inseridos. Ênfase desse modo, pois a observação se dá exclusivamente nesse contexto, embora reconheça que os bebês transitam por outras esferas sociais, culturais, familiares e que esse arcabouço de elementos os constitui. Assim, não há como pensá-los em um modo social único, neste caso, a creche.” (MUNIZ, 2017, p.29).

A pesquisa referida foi realizada com 17 bebês, sendo 14 meninos e 3 meninas, com idade entre 4 meses e 1 ano e 8 meses, em um contexto de Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis. A creche Poeta João da Cruz e Sousa, fica localizada no bairro de Areias do Campeche, no sul da ilha de Santa Catarina, entre os bairros Campeche e Morro das Pedras. Ela foi inaugurada em 21 de março de 2012, contém 8 salas, quatro em cada lado do corredor; as salas do lado esquerdo possuem 34 metros, e a do lado direito 52 metros, pois possuem banheiros, e são destinadas às crianças menores. O horário de atendimento da creche é de 07h30min a 18h30min, sendo disponibilizados horários integrais e parciais. A creche possui biblioteca, sala de professores, 3 salas para guardar materiais diversos, parque para as crianças e almoxarifado. No ano da pesquisa, 2016, a autora relata que existiam 52 funcionários na creche, e 162 crianças em 142 famílias. Ela acompanhou por 8 meses uma turma de bebês,

com 3 professoras no grupo. Todas as informações referentes a creche, foram retiradas do texto da autora Jacira Carla Bosquetti Muniz (2017).

Minha intenção ao realizar essas análises, é de colher somente os dados da autora, e não de suas análises sobre as observações realizadas. A partir de um olhar crítico, ancorada nas abordagens teóricas de Henri Wallon e Lev S. Vigotski, busco realizar minha análise sobre as interações sociais dos bebês dessa creche, a fim de identificar episódios em que essas interações afetivas dos bebês em um contexto social, que auxiliam em seu desenvolvimento. Respeitando a autora que nos apresenta suas observações com os bebês, pretendo fazer meu próprio exercício de compreender mais sobre esse ser bebê do qual venho falando neste texto. Os nomes usados nas análises foram retirados do texto conforme a autora os escreveu, sem mudar absolutamente nada.

4. AO ENCONTRO DESSES PEQUENOS

“As crianças esses seres estranhos dos quais nada se sabe esses seres selvagens que não entendem nossa língua.” (LARROSA, 1998, p.1)

Falar sobre os bebês é uma tarefa um tanto quanto complexa. Quando comecei a pesquisar sobre eles eu me encantei logo de início, e me fez refletir sobre o ser humano. Há séculos o mistério da vida humana é discutida pelos cientistas. Como surgimos? O que nos torna seres diferente dos demais? Qual o mistério que está por trás de nossa existência? A vida humana é um verdadeiro milagre, um aglomerado de células que se juntaram e formaram o que chamamos de ser humano. Para além do biológico, temos o social, criamos carros, aviões, descobrimos leis da física, fomos a lua, plantamos, caçamos e ainda assim, parece loucura imaginar que um ser tão pequeno, que chega a esse mundo já praticamente “pronto”, biologicamente falando, se transforma em um adulto capaz de tudo isso.

Neste percurso de estudos que fiz fui percebendo que parte dessa “descrença” vem da minha visão adultocêntrica sobre as crianças, sem me dar conta que eles são capazes de se apropriarem de um mundo que já acontecia antes de sua presença nele. Minhas análises neste trabalho, foram voltadas para o bebê afetivo, na interação dele com esse mundo novo e ainda não explorado, na socialização como precursora do processo de tomada de consciência, e no fim a interligação de todos esses processos.

Quando o bebê chega ao mundo, ele

[...] dispõe de um espaço muito pequeno na qualidade de seu meio mais próximo. Como se sabe, o mundo distante não existe para o recém-nascido. Para tal criança existe apenas o mundo que se refere precisamente a ela, ou seja, um mundo que se une em torno de um espaço estreito, formado por aparecimento e objetos ligados ao seu corpo. (ALVES, 2013, p.35)

O bebê recém-nascido nasce e precisa renascer, como apontado por Vigotski (1997) porque só o plano biológico, que o acompanha desde o nascimento, não é suficiente para que todas as áreas do seu corpo e mente adquiram as ferramentas necessárias para que evoluam de forma completa, e para que esse nascimento ocorra é necessário a ajuda do outro, que pode ser a mãe, o pai, irmãos, objetos, outros bebês, enfim, o outro não está condicionado a um ser humano, exclusivamente, ele pode vir por meio da criação do humano. Wallon (1968, p.157, apud CAMERA, 2016, p.20) diz que: “O recém-nascido é um ser cuja totalidade de reações necessita ser completada, compensada, interpretada. Incapaz de efetuar algo por si próprio, ele

é manipulado pelo “outro” e é nos movimentos deste outro, que suas primeiras atividades tomarão forma”.

A criança que nasce, não chega ao mundo com a consciência de que está nele, no começo ela acredita que o mundo é aquilo que ela pode ver de seu universo observável, tudo que está ali faz parte dela, todos os objetos são uma extensão dela e estão ali em sua função, e segundo a teoria walloniana:

[...] o estado inicial da consciência pode ser comparado a uma nebulosa, uma massa difusa, no qual confundem-se o próprio sujeito e a realidade exterior. O recém-nascido não se percebe como indivíduo diferenciado. Num estado de simbiose com o meio, à sensibilidade do ambiente, e, a todo instante, repercute em suas reações, as de seu meio. A distinção entre o eu e o outro só se adquire progressivamente, num processo que se faz nas e pelas interações sociais. (GALVÃO, 1995, p.50)

Para que o bebê inicie seu processo de consciência ele precisa ser inserido na cultura de seu meio, e através de interações sociais com o outro, internalizando signos ao interpretar os objetos em sua mente. É através destas interações também, que o bebê é capaz de tomar consciência de si e do mundo, deixando de lado a visão egocêntrica do mundo, abrindo espaço para a consciência de que faz parte do mundo e não que é ele.

Vários processos ocorrem nessas interações, a criança vai descobrindo como seu corpo funciona, como o outro reage quando ele chora, sorri, balbucia, o que acontece quando ele mexe os pés, as mãos, quando ele fecha as mãos no dedo de alguém, puxa o cabelo, joga um objeto no chão e alguém pega de volta e ele joga novamente, quando ele come, faz xixi, toma banho e a sensação que essas atividades lhe dão, tudo isso são processos de tomada de consciência do bebê, através de interações sociais com o outro e consigo mesmo. A interação social, segundo Camera (2006) é: “[...] um encontro interpessoal cujo papel é o de imprimir marcas sobre as pessoas, em interação, a partir de um conjunto de códigos, normas e modelos que tornam a relação possível e asseguram sua regulação.” (CAMERA, 2006, p. 37), notando o quanto essas interações são importantes para os seres humanos e para o seu desenvolvimento. Nesses milhares de anos de nossa existência, as interações sociais têm tido um papel de extrema importância em nossas vidas, não só para a sobrevivência da nossa espécie, mas também a sobrevivência da cultura. Somos feitos de história, se não nos fosse repassado o que foi aprendido por nossos antepassados, não saberíamos hoje ler, escrever, pensar, criar, falar, nem estaríamos vivos, nossa raça já teria sido extinta há milhares de anos. O social nos faz ser quem somos, “a construção da consciência de si, que se dá por meio das interações sociais” (GALVÃO, 1995, p.44), é através dela que nos constituímos como seres culturais nesse mundo.

Não é um processo rápido e:

Muitas semanas deverão transcorrer antes de ele ser capaz de articular movimentos com os braços para atingir os objetos próximos. Longos meses serão necessários para que atinja uma relativa autonomia de movimento para cortar o espaço e aproximar-se com as próprias pernas dos objetos que o circundam. Enfim, vários anos deverão passar antes que ele consiga realizar com um mínimo de destreza as principais funções motoras (correr, saltar, subir e descer escadas, manipular objetos etc.). (PINO, 2005, p. 43)

Mas todo esse tempo é necessário para o pleno desenvolvimento do ser humano, com o bebê sempre a frente desse processo, protagonista dessa construção que é dele com o mundo, sendo parte ativa em todas as etapas.

A interação social como precursora da consciência age como a base para o desenvolvimento humano, pois é nela que está o ponto chave da formação humana, através dela tomamos consciência de quem somos, do que podemos fazer, da cultura na qual estamos inseridos, das nossas possibilidades, do outro como um ser completo e não uma extensão de nós, dos objetos ao nosso redor, das nossas emoções e das emoções do outro, do universo que compartilhamos com outros seres humanos, da nossa existência nesse vasto mundo.

Pensando sobre isso, a primeira ideia que vem a nossa cabeça quando se fala de interação é a comunicação, a fala para ser mais exata, e o que é até lógico já que estabelecemos conexões com o outro através da conversa, na maioria das vezes. Por meio das narrativas orais podemos conhecer a história do outro, dizer como foi nosso dia, brigar, reclamar da política do país, enfim, criar vínculos, laços de amizade, de amor, carinho, acolhimento, de conflitos, discussões, discordâncias. Enfim, por meio dessas relações que são, semioticamente mediadas, vivenciamos experiências no mundo social e cultural, e todo esse processo ocorre por meio da emoção, pois ela é “a primeira forma de comunicação. O recém-nascido se comunica com o mundo, sofre a ação do mundo, e pode atuar sobre ele graças à emoção.” (CAMARGO, 1999, p.10).

Tanto Wallon quanto Vigotski, acreditam na emoção como forma principal de comunicação, é através dela que o bebê se comunica com o mundo, garante sua sobrevivência em nossa sociedade (PINO, 2005), e é capaz de se desenvolver tomando consciência de si e do mundo a sua volta, como podemos observar no trecho a seguir da autora Galvão (1995):

"As emoções podem ser consideradas, sem dúvida, como a origem da consciência, visto que exprimem e fixam para o próprio sujeito, através do jogo de atitudes determinadas, certas disposições específicas de sua sensibilidade. Porém, elas só serão o ponto de partida da consciência pessoal do sujeito por intermédio do grupo, no qual

elas começam por fundi-lo e do qual receberá as fórmulas diferenciadas de ação e os instrumentos intelectuais, sem os quais lhe seria impossível efetuar as distinções e as classificações necessárias ao conhecimento das coisas e de si mesmo" (GALVÃO, 1995, p.63-64)⁵

Desse modo, não só a emoção é importante para o processo de consciência humana, mas também a presença do outro, que fará a inserção do bebê na cultura daquele meio, lhe proporcionando relações semióticas para que ele se aproprie do saber daquela sociedade, criando signos e significados para o que foi aprendido nessas práticas sociais (ALVES, 2013).

Por sermos seres sociais é de se esperar que a afetividade seja crucial para a nossa formação. A alimentação e higiene, apesar de serem de extrema importância para a sobrevivência humana, não conseguem sozinhas, criar as condições necessárias para o desenvolvimento humano. Wallon, ao referir-se ao primeiro estágio da teoria psicogenética, prioriza a emoção que se expressa através da “[...] afetividade impulsiva, emocional, que se nutre pelo olhar, pelo contato físico e se expressa em gestos, mímica e posturas.” (GALVÃO, 1995, p. 45) e que ocorre com a ajuda do outro e não pelo outro, pois o bebê recém-nascido, já possui as ferramentas necessárias para socializar e se inserir na cultura, sendo parte ativa nesse processo, cabendo a nós, acolher e interpretar, “as reações do bebê, agindo de acordo com o significado que atribui a elas: mudam-no de posição, dão-lhe de mamar, soltam-lhe as roupas” (GALVÃO, 1995, p.60), e nesse processo são capazes de representar a ação do outro e construir um vínculo com ela mesma (FICHTNER, 2013), como exemplo podemos citar a relação do bebê com a mãe, o pai, os avós, em que há uma interpretação dos gestos do bebês que são significados para o outro, que depois será significativo para o bebê. Para darmos conta de acompanhar esse processo dos bebês é preciso ter uma escuta atenta e um olhar sensível, “[...] para não encerrarmos as possibilidades da infância, sairmos do nosso lugar de saber e simplesmente acompanhar a criança, observá-la em sua especificidade, pois [...] A criança sempre é um sujeito desconhecido e em continua troca.” (REDIN; FOCHIN, 2014, p. 9)

A seguir vou apresentar algumas situações retiradas da dissertação, nas quais podemos analisar mais sobre como a emoção e a socialização andam juntas nesse processo de formação da consciência humana:

Murilo (1 ano e 3 meses) chegou recentemente. Seus olhos procuram observar o entorno. Há muito movimento por parte dos bebês que se deslocam caminhando pela sala. Quase todos já caminham, assim, entre corridas um tanto desequilibradas e

⁵“Wallon, Henri. Conclusão geral do livro "Origens do caráter na criança". In Nadel-Brulfert. J. & Werebe, M.J.G. Henri Wallon (antologia). São Paulo, Ed. Ática, 1986, p. 64.” (GALVÃO, 1995, Nota de Rodapé 17, p.64)

passadas que procuram se mover ligeiras, os bebês se aventuram. Murilo da rede observa e em alguns momentos, um choro o acompanha. Ítalo (1 ano e 2 meses) se aproxima e permanece atento à sua frente. Murilo o encara. Os olhos se encontram e não desviam. Ítalo se levanta e o embala, perdendo seu equilíbrio em seguida. Murilo sorri e Ítalo retribui o sorriso. Sai correndo em seguida deixando atrás de si, uma rede a balançar. (Diário de Campo, 3 nov. 2016) (MUNIZ, 2017, p. 97).

Nessa situação, o bebê Murilo acabou de chegar à creche e é tudo muito novo para ele, pois não conhece ninguém, nota-se que está afastado das outras crianças, que correm e se aventuram por todo o espaço da sala. Ele observa e chora algumas vezes, o que demonstra uma situação desagradável vivenciada por ele, por ser um ambiente novo e desconhecido ainda. Ítalo, ao perceber que Murilo está chorando vai até ele e no primeiro momento o encara, ao que Murilo responde com um olhar fixo nele também, firmando o primeiro contato entre eles, e por meio dessa comunicação de olhares, Ítalo se levanta e o embala, o que provoca um novo sentimento em Murilo, que agora sorri e é retribuído com um sorriso de Ítalo quase como um agradecimento pelo acolhimento que recebeu do colega, e Ítalo satisfeito volta a correr pela sala, deixando a rede em que está Murilo balançando.

Wallon ao falar sobre a emoção nos aponta o sorriso como um recurso que é usado puramente no plano biológico e sem intencionalidade, sendo nos seus primeiros meses de vida apenas ato motor, e que num segundo momento é usado como um recurso social de comunicação (GALVÃO, 1995). Foi exatamente o que aconteceu nessa situação, a utilização desse recurso que outrora foi usado sem nem motivo aparente, em seus primeiros meses de vida, é agora utilizado para expressar afeto, a emoção que apreendido ao longo de suas interações tanto com sua família, quanto na creche.

Algo que fica evidente nesse trecho também é a iniciativa tomada pelo bebê Ítalo, pois dentre todos os bebês e professoras presentes naquele espaço, ele foi quem se levantou para ir se socializar com Murilo e, conseqüentemente, deixá-lo mais confortável a ponto de cessar o choro. Sua empatia e acolhimento demonstram como a afetividade é importante, pois através dela o seu colega se sentiu mais confortável no novo ambiente, e ao embalá-lo demonstrou que tudo ficaria bem e ele estava seguro. Toda essa interação social entre Murilo e Ítalo, aconteceu com “[...] o estabelecimento de ligações afetivas e a definição dos papéis relacionais entre os indivíduos estão atrelados a fatores culturais e sociais” (SCHMITT, 2008, p.37), concluindo que a cultura e sociedade também tem ligação com a forma que as relações afetivas são estabelecidas.

Outro exemplo que nos permite refletir sobre a afetividade e a interação social está no trecho a seguir:

Lorenzo (10 meses) sentado no chão choraminga. Brinco com ele de esconder os meus olhos o que provoca sorrisos. Adiante ele faz o mesmo, esconde os olhos e depois olha para mim. Entre sorrisos e olhares estamos a nos relacionar. Fico feliz, pois em outros momentos Lorenzo demonstrava resistência a qualquer aproximação que intencionava fazer com ele. Percebo que ele volta a ficar incomodado ao que parece através de um choro muito forte. A professora delicadamente o leva até o bebê conforto, o acalmando. Ao deitar, Lorenzo movimentava seu corpo como se desejasse acomodá-lo naquele espaço e em pouco tempo, sem a necessidade nem a presença de um adulto por perto, ele dorme sozinho. (Diário de campo, 2 maio 2016). (MUNIZ, 2017, p. 135)

Esse trecho é bastante interessante, pois podemos ver, primeiramente, a relação que foi construída entre a pesquisadora e o bebê Lorenzo, que antes tinha uma certa resistência as tentativas de aproximação dela, e agora ele já permite que se aproxime para interagir com ele. É possível observar como a confiança e o afeto estão presentes nessa relação, que outrora foi marcada por desconfiança. Em um primeiro momento, a pesquisadora consegue acolher o bebê Lorenzo que está chorando, através da brincadeira, que o faz rir e a imitar. Depois desse momento com a pesquisadora, o bebê Lorenzo volta a chorar, agora mais forte, mostrando que ele precisava de outro acolhimento naquele momento. A pesquisadora que está há pouco tempo com a turma ainda não foi capaz de significar a causa desse desconforto, ao contrário da professora que tendo esse olhar atento ao bebê, percebe que seu choro emotivo é de sono e o leva para o bebê conforto, agindo adequadamente, acertando em sua percepção, pois logo ele dorme.

É importante nessa relação com os bebês ter esse olhar e escuta atenta para as necessidades deles, pois isso também é cuidar com afeto, como nos diz Malaguzzi em sua pedagogia: “[...] escutar a criança é uma forma ética de estar e de relacionar-se com ela.” (REDIN; FOCHIN, 2014, p. 15), como a professora que ouviu o choro da criança e se encaminhou até ela colocando-a no bebê conforto, o que é pode ser algo comum na creche. A criança se comunicou por meio do choro, a fala emocional, e a comunicação foi completada com a professora compreendendo essa fala e colocando o bebê para dormir.

Nesse outro exemplo é interessante notar como as interações nem sempre são amorosas, mas também pontuadas por conflitos, como podemos observar no relato a seguir:

Assim que chego encontro Dylan Pereira (8 meses) e Miguel Mergner (9 meses) sentados próximos. Organizo meu material e quando definitivamente adentro ao espaço da sala onde os bebês estão, percebo que Miguel puxa o bico de Dylan. Neste

momento ao que parece ser divertido para um bebê, o outro se mostra inquieto. O bico ainda está pendurado na blusa de Dylan, mas Miguel o põe na boca, morde, tira da boca e fixa seu olhar ao bico. Dylan faz careta, chora baixinho, mexe os braços. Miguel consegue puxar forte a ponto do bico se desprender da blusa de Dylan, deixando-o aparentemente ainda mais inquieto. Dessa vez ele toca no braço de Miguel que permanece segurando com firmeza o bico em suas mãos. A professora, que de longe observava o decorrer deste momento, aproxima-se e diz: - Ah Miguel, vou contar para tua mãe o que andas aprontando na creche. Em seguida devolve o bico para Dylan e o leva ao bebê conforto onde oferece o lanche da tarde. (Diário de campo, 23 maio 2016). (MUNIZ, 2017, p. 207)

Nesse caso vemos uma relação de conflito, entre Dylan e Miguel em que Miguel pega o bico do colega o deixando incomodado e inquieto, o que para um era algo divertido e desafiador que despertava seu interesse, para o outro se mostrava uma situação desagradável, o que podemos notar com o relato do choro e as caretas que Dylan fez, demonstrando como “as emoções provocam alterações na mímica facial, na postura, na forma como são executados os gestos.” (GALVÃO, 1995, p.61-62), pois tanto em Miguel quanto em Dylan, as alterações faciais são bastante presentes, em um temos o sorriso representando a satisfação e no outro temos o choro e a careta representando o incômodo e inquietação com a situação desconfortável.

Como podemos observar, as interações nem sempre são harmônicas, pois por meio delas, “a criança está internalizando significados afetivos e morais que vão construindo sua configuração psíquica e sua identidade. Nas relações entre as pessoas, estão sempre presentes os jogos de tensão, de descontração, de alegria ou tristeza, os jogos de sedução e submissão ou exercícios de poder. As relações cotidianas das crianças, como as do adulto, garantem a evolução e a partilha da alegria, da cólera, da surpresa, da tristeza ou do medo” (RIMÉ, 1993 apud CAMARGO, 1999, p.17), e é importante que ela passe por todos esses processos para saber agir e lidar com eles no futuro.

Para Wallon, o desenvolvimento da criança é marcado por conflitos (GALVÃO, 1995) e que “[...] a contradição é constitutiva do sujeito e do objeto, Wallon vê os conflitos como propulsores do desenvolvimento, isto é, como fatores dinâmogênicos” (GALVÃO, 1995, p.42), ou seja, os conflitos são importantes para o desenvolvimento da criança, pois há muita energia e levá-la a sair da sua zona de conforto possibilita vivenciar novas experiências, os conflitos causam desconfortos exatamente por isso, por nos fazer sair do nosso estado tranquilo para um estado de agitação.

Também é interessante notar que ao ver Dylan chorando a professora repreendeu Miguel e devolveu a chupeta ao Dylan, acolhendo a criança nesse momento, o levando para lanchar no bebê conforto. Neste momento podemos ver como foi comunicado da criança para o adulto o desconforto daquela situação, pois “No primeiro ano de vida, a atividade principal da criança – isto é, aquela através da qual ela entra em contato com o mundo que a rodeia, aprende e se desenvolve – é a comunicação emocional com os adultos que se aproximam dela. Impossibilitada, nessa idade, de se comunicar através de palavras, a comunicação acontece pelo olhar e o movimento corporal, percebendo emoções do adulto por meio do toque, da fala e do olhar.” (MELLO, 2007, p.96) É interessante ver na prática como eles usam o recurso da emoção para se comunicar com o outro, e notar que é impossível falar sobre elas de forma separada - a emoção e a interação social - pois as duas coexistem nesse processo de tomada de consciência. Também podemos notar que a professora ao repreender o Miguel, diz que vai contar a mãe dele o que tinha feito, o que me faz refletir se é esse o papel do pedagogo na creche, pois isso pode gerar um certo medo em Miguel, e é só uma chupeta, não precisaria de intervenção mais expressiva, pois:

O professor tem o dever de interligar-se e estabelecer-se com o ambiente educacional, favorecendo a oportunidade para que as crianças possam fazer suas escolhas, autoconhecer-se, apresentar desejos, vontades, desenvolvendo a identidade, características, criatividade entre outras. (RIGOTTI, 2019, p.13)

No exemplo a seguir podemos observar um pouco sobre essa brincadeira de interação e descobertas, e como isso auxilia na formação do processo de consciência:

Miguel Fernandes (1 ano e 3 meses) empurra a caixa de brinquedos da janela até a frente do balcão. Ele sobe na caixa e alcança um copo de água. Desce da caixa e ajoelha-se para que possa beber a água. Pietro (1 ano e 2 meses) se aproxima e observa Miguel. Ele disputa pelo copo e consegue ficar com ele. Miguel então sobe novamente na caixa e tenta alcançar outro copo, desta vez, precisando esforçar-se um pouco mais. Enquanto isso, Pietro espalha água no chão e mostra a Catarina (1 ano e 3 meses) quando ela se aproxima. Miguel consegue pegar o copo e de pé na caixa, bebe a água em um copo que não é o seu. A professora percebe o que os meninos estão fazendo, retira deles os copos, chamando a atenção dos dois e leva a caixa para outro espaço. Miguel novamente traz a caixa para frente do balcão e sobe nela, alcançando o mesmo copo. A professora se aproxima e ele oferece o copo, enquanto a olha com um sorriso, a professora aceita o copo, ajuda Miguel a descer e guarda a caixa. Pela terceira vez seguida, Miguel resgata a caixa, empurra até a frente do balcão e quando a professora chama sua atenção ele oferece o bico que está na frente dele. Em seguida, pega o copo e joga no chão. A professora diz para ele descer, juntar o copo e o colocar de volta na prateleira, o que ele faz em seguida. Após guardar o copo, Miguel sorri e desce da caixa. (Diário de campo, 27 out. 2016) (MUNIZ, 2017, p.202-203)

Esse movimento repetido de pegar a caixa por várias vezes e subir para pegar o copo, remete ao jogar o brinquedo no chão para ver o que acontece, tomando consciência de seus limites, da construção da sua curiosidade em que Wallon expressa:

“É pela interação com os objetos e com o seu próprio corpo - em atitudes como colocar o dedo nas orelhas, pegar os pés, segurar uma mão com a outra - que a criança estabelece relações entre seus movimentos e suas sensações e experimenta, sistematicamente, a diferença de sensibilidade existente entre o que pertence ao mundo exterior e o que pertence a seu próprio corpo. Por essas experiências torna-se capaz de reconhecer, no plano das sensações, os limites de seu corpo, isto é, constrói-se o recorte corporal.” (GALVÃO, 1995, p.51)

Miguel explora seus limites ao subir na caixa várias vezes até alcançar seu objetivo que era pegar o copo de água, mesmo com a professora pegando a caixa e a guardando, tomando o copo da mão dele, ele continua a explorar aquele espaço e desvendar o que pode fazer com os recursos que tem, como a caixa, seu equilíbrio e a curiosidade. Também podemos observar uma relação de disputa pelo copo entre Miguel e Pietro, que acaba conquistando o copo, e mesmo assim Miguel não desiste e vai atrás de outro copo para ele. Pietro por sua vez joga a água no chão e mostra a sua colega Catarina, quando se aproxima, mostrando o que conseguiu fazer com a água no copo, explorando suas potencialidades através da brincadeira e adquirindo “[...] inúmeras habilidades, conhece o mundo, apropria-se dele e aprende a conviver, dessa forma, o brinquedo serve com um instrumento que utiliza para auto desafiar, explorar, investigar, desenvolver sua inteligência e construir sua personalidade.” (RIGOTTI, 2019, p.18) e nesse espaço consegue desenvolver sua consciência por meio de brincadeiras de explorar e interagir, no caso de Pietro e Catarina se apresenta com a água jogada no chão, e possivelmente o caminho que ela vai percorrendo.

Miguel em sua exploração pela prateleira dos copos usou recursos de troca com a professora para que ela permitisse que ele ficasse ali, no ato de oferecer o copo a ela o que é bastante interessante. Também chamou minha atenção, o fato dele só ter parado de subir na caixa para pegar o copo quando ele fez o movimento de jogar o copo no chão, e sorrir satisfeito com o que tinha acontecido em sua exploração. Dantas (2018), nos diz que essa atitude pode ser descrita como o “[...] jogo de extrair-fabricar superfícies contínuas, no qual o bebê explora as superfícies que o rodeia, com o objetivo de construir a consciência dos limites corporais.” (DANTAS, 2018, p.16), em que Miguel explorou todos os espaços disponíveis entre a caixa e a prateleira para assim construir a consciência dos seus limites e, pode se dizer que ao jogar o

copo no chão ele teve o ápice de seu processo, ficando feliz em obedecer a professora, guardar o copo e descer da caixa.

Podemos notar que “a criança se afirma principalmente opondo-se, apesar de que o eu e o outro permanecem complementares. É, através dos jogos de alternância em que a criança é ora autor, ora objeto em relação ao outro que se vai constituindo certo exercício de individuação” (CAMERA, 2006, p.21). É possível notar isso pela persistência que Miguel teve em pegar o copo, mesmo com a professora dizendo que não podia e pegando a caixa para guardar, ele continuava repetindo a mesma ação até por fim realizar o que estava planejando. E nisso ele foi ora autor, ora objeto, como foi dito por Camera (2006), sendo autor nos momentos de pegar a caixa e subir para alcançar o copo e objeto nas situações vividas com Pietro e com a professora. Essas interações são de extrema importância para o bebê, pois “ao interagir com outras pessoas, o bebê desenvolve as suas principais fontes para o amadurecimento cerebral.” (RIGOTTI, 2019, p. 19) e cada vez que ele faz isso, aprende algo nessa semiótica do eu e o outro, o bebê vai assim se constituindo, construindo “[...] a si mesmo por meio das relações interativas com os coetâneos. Neste sentido, o desenvolvimento apresenta-se não como uma façanha individual, mas como um processo de construção social”. (MALAGUZZI, 2001, p.6-7, apud CAMERA, 2006, p.38) por meio dos signos nas relações pelo/com o outro. (ALVES, 2013)

No exemplo a seguir podemos observar como a interação com o outro e com o mundo, desperta a curiosidade e vontade de explorar no bebê:

Erick (19/04/2015) Espia o grupo ao lado pelo vidro na porta. Sua presença foi percebida por Ana Clara que se aproxima da porta e intenciona uma relação. Ela põe a mão no vidro o que em um primeiro momento parece o assustar, pois ele se afasta. Em seguida, se aproxima novamente e sorrindo, põe sua mão na porta. Os dois começam a bater com as mãos no vidro e entre sorrisos e “conversas”, esta relação social vai sendo vivida. (Diário de campo, 16 jun. 2016). (MUNIZ, 2017, p.106)

Nesse exemplo podemos observar uma interação social por meio dos sorrisos e o bater da mão na porta. Vemos no primeiro momento que o movimento de colocar a mão no vidro por parte de Ana Clara, assustou Erick que se afastou da porta por um instante, logo após ele se aproxima novamente, agora sem medo, e sorri para ela, demonstrando que gostou da brincadeira, tanto é que eles começam a bater no vidro logo em seguida enquanto sorriem e conversam entre si, interagindo um com o outro. Demonstrando assim, que a

interação social é um encontro interpessoal cujo papel é o de imprimir marcas sobre as pessoas, em interação, a partir de um conjunto de códigos, normas e modelos que tornam a relação possível e asseguram sua regulação. (CAMERA, 2006, p.37)

Também é possível notar a curiosidade do bebê Erick em olhar o que se passava na outra sala, para saber o que havia depois daquela porta e ele pôde observar mais bebês em outro espaço, fora aquele em que está inserido. Por outro lado, temos a bebê Ana Clara que ao notar a presença dele, foi ao seu encontro e por meio de batidas no vidro se comunicou com ele, uma atividade que primeiro o assustou, mas que logo depois o deixou animado e eles continuaram com essa troca, essa brincadeira que “faz parte da constituição do bebê enquanto sujeito” (DANTAS, 2018, p.16) Nesse processo, podemos observar que na interação entre eles ocorreu a compreensão de que há “[...] outras pessoas como agentes intencionais iguais a elas próprias” (FICHTNER, 2013, p.14). Vigotski (2008) ainda nos diz “[...] que as risadas, os sons inarticulados, os movimentos, entre outros, são meios de contato social, ainda nos primeiros meses de vida.” (ALVES, 2013, p.42)

No trecho a seguir podemos observar como é por meio do sensorio que a criança percebe o ambiente e é pelo motor que projeta, corporalmente, suas necessidades e emoções (PINO, 2005):

Catarina (9 meses) está sentada no bebê conforto e demonstra estar inquieta. Chora, encerra o choro, olha a sua volta, volta a chorar. A professora traz a mamadeira de água e ao oferecer, indica: - Encosta aqui Catarina, aí você segura. A pequena então se ajeita e consegue sozinha segurar a mamadeira. A professora então completa: - Olha que legal. “Eeeeeee”, você conseguiu Catarina, segurar sozinha a mamadeira. (Diário de campo, 18 abr. 2016) (MUNIZ, 2017, p.187)

Nesse exemplo podemos observar uma interação social ocorrida entre um bebê e a sua professora. Catarina está inquieta e chora como forma de demonstrar isso, sua professora então chega e dá coordenadas a ela para encostar no bebê conforto e demonstra como ela deve segurar a mamadeira, o que ela faz sem nenhuma dificuldade após a professora lhe ensinar, e isso só ocorreu graças a “[...] sinais recíprocos de participação ativa dos bebês na vida social emergem de comportamentos que propiciam a coordenação da atenção entre parceiros orientados para um foco comum, ou seja, que envolve a atenção conjunta.” (ALVES, 2013, p.58) Aqui podemos observar uma relação semiótica, mediada pela professora e sobre isso “[...] entende-se que o ser humano não age de forma direta, imediata no mundo físico e social, tal contato é indireto ou mediado por signos e instrumentos, bem como pelo Outro” (ALVES, 2013, p.41). Para Vigotski esse processo é marca da consciência do ser humano (ALVES, 2013). A comemoração da professora ao feito de Catarina é de extrema importância, pois “Esse reconhecimento é

importante, assim como é relevante reconhecer o bebê como indivíduo único, que tem sua maneira singular de enxergar o universo, que o rodeia.” (DANTAS, 2018, p.15)

Entender esse processo de consciência é muito importante para o ser bebê, pois através dessas interações com o outro e com o meio, ele se formará e se constituirá como um ser cultural no mundo. Catarina experienciou a mediação por meio de instrumentos que no caso seria a mamadeira e os signos que são suas representações mentais após a professora lhe mostrar como segurar, em um processo de compreensão e significação foi capaz de executar a ação de segurar a mamadeira, e assim “Pela ação do outro, o movimento deixa de ser somente espasmo ou descargas impulsivas e passa a ser expressão, afetividade exteriorizada.” (GALVÃO, 1995, p.60)

Ao concluir essas análises pude entender melhor o que Wallon quis dizer sobre a afetividade e interações sociais andarem juntas, sendo necessárias para a tomada de consciência do ser bebê. Não há o eu sem o outro, precisamos desse outro, da interação com ele para nos constituirmos. As interações dos bebês com o mundo, com outras crianças, sua afetividade, suas relações, sua curiosidade, tudo isso é uma forma de ser e estar no mundo, aprendendo sobre ele.

É importante entender “[...] a criança como um ser histórico e cultural, que desde os seus primeiros momentos de vida faz parte de um cenário representacional de cultura, o qual, por sua vez, poderá interferir em seu comportamento humano por meio de mediações constantes entre este ser e o mundo” (ALVES, 2013, p.49) Nesse sentido, somos capazes de compreender que o sujeito biológico é apenas um sujeito em potencial, a concretização do que é capaz de desenvolver depende das interações sociais com o outro, por isso investir na qualidade destas interações seja com os adultos, entre pares, com o mundo material e simbólico é muito importante, pois sem ela não poderíamos nos constituir como seres completos no mundo.

Neste processo, são nas interações e por meio dos signos, que os bebês vão tomando consciência de si, resignificando inclusive o dito como mundo natural, entendendo que “[...] a criança só terá acesso à significação dos objetos culturais, ou seja, só poderá torna-se um ser cultural, por intermédio da mediação do Outro.” (PINO, 2005, p.67) Assim, cada um desses bebês que a autora relatou, experienciaram relações de afetividade nas creches, e através dessas interações eles puderam se constituir e estar no mundo de forma consciente e ativa, sendo mediado pelo outro, e “cada vivência, cada nova experiência da criança exige o trabalho

coordenado de todos os mecanismos psicofisiológicos - a atenção, as percepções, os sentimentos, o pensamento, a imaginação, a memória, a fala – que transformam as percepções que a criança vai fazendo do seu entorno em novos níveis de relação com o mundo.” (MELLO, 2007, p.94)

5. FINALIZANDO... POR ENQUANTO

Neste trabalho em que tanto falei sobre bebês, percebi meu nascimento como pedagoga. Quando iniciei este estudo tinha um desejo e objetivo de conhecer mais sobre esse ser bebê, quem era, como se desenvolvia, que mecanismos utilizava para estar no mundo e interagir com ele, e todas essas questões perpassavam em minha mente.

A verdade é que não tive muito contato com bebês na minha graduação, mas na minha vida fora da faculdade eu tinha contato constante com eles, meus primos pequenos, os bebês que via na rua, na faculdade, eles estão em todos os lugares e ocupando todos os espaços, e me despertava essa curiosidade de saber mais, por isso resolvi escrever este trabalho. O problema é que eu não tinha ideia de como fazer, mas ao realizar a matéria de “Infância, criança e educação”, tive a oportunidade de escolher escrever sobre bebês, e então tive a certeza de que era esse o tema principal do meu trabalho, eu queria escrever e saber mais sobre eles. Para isso, me propus a compreender as interações afetivas dos bebês em um contexto social, nesse caso a creche.

Como base para chegar ao meu objetivo li textos acadêmicos dos anos de 1995 até 2019, sobre a socialização, interações sociais e textos específicos sobre Henri Wallon, que foi meu teórico principal neste trabalho, além de Lev Vigotski, que juntos me auxiliaram e embasaram as minhas afirmações. Como análise, eu trouxe as situações observadas por Jacira Carla Bosquetti Muniz (2017), que ficou por 8 meses em uma creche em Santa Catarina, e as apresentou em sua dissertação de mestrado no ano de 2017. Como estamos em um período de pandemia do novo corona vírus, fiquei impossibilitada de realizar essa pesquisa presencialmente, por todos os protocolos de distanciamento social.

Durante todo o trabalho de estudo me vi surpresa várias vezes com as descobertas que fiz, algumas dessas fiquei horas e horas tentando compreender o que determinado autor queria dizer com suas falas e como elas se encaixavam no que eu queria falar e expressar. E assim pude perceber algo que até então não era evidente para mim, que os bebês sabem e sabem muitas coisas, coisas que talvez a gente tenha sabido um dia, e agora não sabe mais.

Segundo Sarmiento (2013 apud Pereira 2015), “a criança não é, definitivamente, o adulto imperfeito e imatura, mas é o outro do adulto, isto é, entre criança e adulto há uma relação não de incompletude, mas de alteridade”. (PEREIRA, 2015, p.28)

A criança vista por nosso olhar adultocêntrico pode até parecer que não sabe nada, não entende o que falamos com ela, pois vendo com nossos olhos de adultos, achamos que não é possível que um ser que ainda não saiba falar, nem andar e nem sobreviver sozinho possa interagir com o meio, ser parte desse meio e o modificar, transformar espaços e ser transformado por ele.

Nós adultos temos essa visão de que se precisamos de auxílio é porque não temos força e nem sabemos fazer sozinhos, e é exatamente essa relação que se tem com um bebê, por isso nossa tamanha surpresa quando o percebemos interagindo conosco, nos chamando a participar de seu universo, experienciar novas coisas, aprender e ensinar também. Estar com um bebê é sempre uma relação de troca, desde os seus primeiros atos motores até seus atos conscientes.

Partindo de um olhar marcado pela alteridade, deixei de lado minha visão adultocêntrica para dar lugar a esses bebês que estão querendo dizer algo, pois “ao olhar a criança sob a visão adultocêntrica, deixa de olhar a criança ser criança, negando sua própria condição.” (ALVES, 2013, p.39), fui então conduzida por eles, buscando uma aproximação com esse bebê que mesmo pela visão de outra autora, me guiou nessas análises.

Lembrando que “[...] jamais será possível traduzir totalmente as experiências das crianças, uma vez que os modos de ser criança são mutáveis e que elas são sujeito em transformação, e, portanto, desconhecidos” (REDIN; FOCHI, 2014, p.13) Ao me dar conta de como a educação é importante e transformadora, me sinto no dever de ser mais, para mim e para essas crianças, construir possibilidades para que elas se tornem o que quiserem ser, não o que nós queremos que elas sejam.

Refleti que pensar sobre o bebê e seu processo de interações afetivas e desenvolvimento, era pensar em um conjunto que trabalhava em harmonia para que isso acontecesse, a emoção e a interação estão interligadas nesse processo, não tem como falar de desenvolvimento sem nos remeter a socialização e afetividade, e tentar desassociá-los representaria uma ruptura nesse processo. Não se faz o eu sem o outro, sem a interação afetiva do outro, sem nossa socialização com o meio, com nossa cultura, com o um mundo à nossa volta.

Saio deste trabalho compreendendo melhor esse bebê, tentando deixar minha visão adultocêntrica de lado que atrapalha muito o meu olhar sobre o outro. As crianças têm tanto a nos ensinar, só basta que nós estejamos atentos a isso para aprender com elas. O bebê definitivamente não é um ser que não sabe de nada, o fato dele precisar do outro para sobreviver

e se desenvolver não o torna menos ativo, pois sem essa relação de troca não haveria aprendizado algum.

Nossas relações são de contínuas trocas, desde o nosso nascimento até nossa morte, somos seres interativos e necessitamos dessa relação com o outro. Esse trabalho me despertou isso, como a necessidade do outro é forte em nossas vidas, como o bebê, esse ser pequeno e dito frágil, é capaz de aprender e ensinar tanto ao mesmo tempo, reconhecendo-o como sujeito histórico e ativo, dando voz e oportunidade para que ele possa ser escutado como sujeito em suas especificidades.

Reconheço a potência da educação, que pode e deve ser transformadora, mas que pode ser perigosa se usada para o controle, e eu, como pedagoga, sinto agora o peso da responsabilidade que tenho nas mãos de auxiliar essas crianças em seu processo de ensino-aprendizado, de constituição desse sujeito por meio das interações, levando-o a encontrar caminhos para construir suas potencialidades. O educador tem esse papel transformador na sociedade, pois sem ele não haveria médicos, enfermeiros, dentistas, engenheiros, professores, cientistas, enfim, a produção humana não seria tudo que é hoje.

Pretendo colocar em prática tudo que aprendi neste trabalho, e quem sabe estudar mais a fundo sobre isso, realizando um mestrado e doutorado sobre bebês, mas isso só o futuro dirá, por enquanto quero me concentrar em aprender mais na prática sobre o ser bebê que tanto me encantou nesse trabalho.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA**, Laurinda Ramalho de. A questão do Eu e do Outro na psicogenética walloniana. *Estudos de Psicologia*, Campinas, 31(4), p. 595-604, outubro-dezembro, 2014.
- ALVES**, Iury Lara. *Bebês, por entre vivências, afordâncias e territorialidades infantis: De como o berçário se transforma em lugar*. Dissertação (Mestrado), 2013. 161 f. Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, 2013.
- BRASIL**. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.
- BRASIL**. Ministério da Educação. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil*. Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, 2010.
- BRASIL**. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, 2017.
- CAMARGO**, Denise. Emoção, primeira forma de comunicação. *InterAÇÃO*, Curitiba, v. 3, p. 09 a 20, jan./dez 1999.
- CAMERA**, Hildair Garcia. *Do olhar que convoca ao sorriso que responde: possibilidades interativas entre bebês*. Dissertação (Mestrado), 2006. 109 f. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.
- CASTELLI**, Carolina Machado; **MOTA**, Maria Renata Alonso. *A complexidade de ser bebê: reflexões acerca de sua visibilidade nas creches e nas pesquisas*. *ZERO-A-SEIS*, Florianópolis, v.15, n.28, p. 1-16, jul./dez. 2013.
- DANTAS**, Elainy Lourenço Claudino. *A indissociabilidade entre cuidar e educar nos espaços do berçário*. Trabalho de conclusão de curso (Monografia), 2018. 53 f. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018.
- FICHTNER**, Bernd. *A emergência do novo aprender –ensinar das crianças*. *Póesis Pedagógica*, Catalão- GO, v.11, n.1, p. 8-20, jan./jun. 2013.
- GALVÃO**, Izabel. *Henri Wallon: Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil*. 4ª Edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

LARROSA, Jorge. *Pedagogia Profana: Danças, piruetas e mascaradas*. Porto Alegre: Contrabando, 1998.

LOPES, Regina Maria Fernandes et. al., *Desenvolvimento cognitivo e motor de crianças de zero a quinze meses: Um estudo de revisão*. *Psicologia.pt: O portal dos psicólogos*. jul, 2010.

MAHONEY, Abigail Alvarenga; **ALMEIDA**, Laurinda Ramalho de. *Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon*. *Psic. da Ed*, São Paulo, 20, p. 11-30, 1ºsem de 2005.

MELLO, Suelly Amaral. *Infância e humanização: algumas considerações na perspectiva histórico-cultural*. *PERPECTIVA*, Florianópolis, v.25, n.1, p.83-104, jan./jun. 2007.

MUNIZ, Jacira Carla Bosquetti. “Olha só, ele me enganou! Estava com sono até agora...”. *O que nos dizem bebês? Aproximação às práticas de cuidado a partir da etnografia na educação infantil*. Dissertação (Mestrado) 2017. 366 p. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

PEREIRA, Rachel Freitas. *Os processos de socializ(ação) entre os bebês e os bebês e adultos no contexto de Educação Infantil*. Tese (Doutorado) 2015. 250 p. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

PINO, Angel. *As marcas do humano: às origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vigotski*. São Paulo: Cortez, 2005.

PLATÃO (427? - 347? a.C.). *A República [ou Da justiça] [livro eletrônico] / Platão*; tradução, textos complementares e notas Edson Bini - São Paulo: Edipro, 2020.

REDIN, Marita Martins; **FOCHIN**, Paulo Sergio. *Infância e Educação Infantil II Linguagens*. São Leopoldo, Rio Grande do Sul: Editora Unisinos, 2014.

RIGOTTI, Adriele Heck. *O mundo de descobertas dos bebês: a identidade e a autonomia em construção na educação infantil*. Trabalho de conclusão de curso (Monografia), 2019. 40 p. Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, 2019.

SCHMITT, Rosinete Valdeci. “Mas eu não falo a língua deles!”: *As relações sociais de bebês num contexto de educação infantil*. Dissertação (Mestrado) 2008. 217 p. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

VIGOTSKI, Lev Semionovich; **VINHA**, Marcia Pileggi (Tradutora). Quarta Aula: A questão do meio da Pedologia. *Psicologia.pmd*, São Paulo, v. 21 (4), p. 681-701, jan. 2011.